



**Centro de Humanidades
Departamento de Educação
Curso de Especialização em Educação Étnico-racial na Educação Infantil**

MARIA DE FÁTIMA DA SILVA SOUSA

**REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA
INFANTIL: PROTAGONISTAS EM CENA**

Guarabira/PB
2015

MARIA DE FÁTIMA DA SILVA SOUSA

**REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA
INFANTIL: PROTAGONISTAS EM CENA**

Trabalho apresentado à **Universidade Estadual da Paraíba**, como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil. Sob orientação da professora Maria Suely da Costa.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S725r Sousa, Maria de Fátima da Silva

Representação da identidade negra na literatura infantil: protagonistas em cena / Maria de Fátima da Silva Sousa. – Guarabira: UEPB, 2015.

42 p.

Monografia (Especialização em Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr^a. Maria Suely da Costa”.

1. Negro. 2. Identidade. 3. Literatura. 4. Lei 10.639/03.
I.Título.

22.ed. CDD 028

**REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA
INFANTIL: PROTAGONISTAS EM CENA**

Aprovado em 13/11/2015

BANCA EXAMINADORA

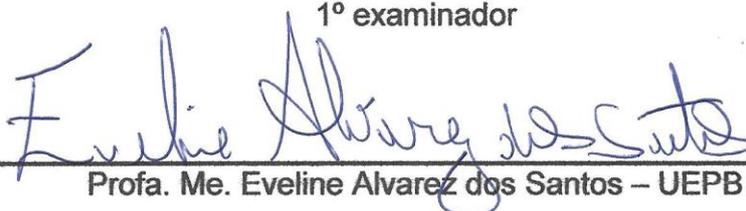


PROFA. DRA. MARIA SUELY DA COSTA
(Orientadora)



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas -UEPB

1º examinador



Profa. Me. Eveline Alvarez dos Santos – UEPB

2º examinador

Guarabira/ PB

2015

*Aos meus pais Alúcio e Maria,
que sempre estiveram presentes e fazem parte desta conquista.*

A eles, com imenso carinho, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, exemplo de amor e sabedoria, cujos seus ensinamentos nos estimulam e levaram a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, Aluísio e Maria; as minhas irmãs, Paula e Cristina, minha família amada. Pelo carinho, pelas palavras de estímulo que não me deixaram abater e construíram o que sou.

A minha orientadora, professora Maria Suely da Costa, com quem ao longo deste estudo, pude construir e compartilhar ideias. Pelo incentivo e apoio.

Ao corpo docente do curso de Especialização na educação étnico-racial na Educação Infantil, UEPB, Campus III, que ao longo do curso contribuíram para o acúmulo de conhecimento e ao auto reconhecimento de minha própria identidade.

Aos componentes da minha banca examinadora, pelo prestígio e pelo prazer de compartilhar comigo este momento tão importante à minha formação acadêmica.

Aos amigos da turma, em especial, a querida amiga Patrícia Mauricio, que infelizmente não pode concluir o curso, mas dedicou-se o quanto pode. A todos agradeço pela amizade, companheirismo, apoio e ajuda oferecida sempre que precisei.

Ao meu amigo, namorado e companheiro Eduardo Gomes, que por muitas vezes dedicou-se a ouvir minhas inquietações sobre o curso e que me apoiou nos momentos que pensei em fraquejar. A ele, muito obrigada.

Enfim, a todos que contribuíram para que eu chegasse à conclusão do curso. Por serem apoio e presença na minha vida. A estes, meus sinceros agradecimentos.

Nenhuma pessoa branca que vive hoje é responsável pela escravidão. Mas todos os brancos vivos hoje colhem os benefícios dela, assim como todos os negros que vivem hoje têm as cicatrizes dela.

(Talib Kweli)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise comparativa entre as obras *A Botija de Ouro*, escrito por Joel Rufino dos Santos (1984), e *As Tranças de Bintou*, de Sylviane A. Diouf (2004). O interesse esteve em traçar um estudo comparativo entre as tramas das duas narrativas, com ênfase nas personagens principais, verificando como as protagonistas são apresentadas, se de forma positiva ou não quanto a valorização da construção de uma identidade negra. Dentre os autores que fundamentaram o arcabouço teórico desta discussão, destacam-se: Candido (2004), Marinho (2014), Martins e Munhoz (2007), Munanga (2005) e Oliveira (2010). Tem foco na discussão a literatura afro-brasileira e suas contribuições para a desconstrução de estereótipos na educação infantil, assim como a lei 10.639/03 e sua aplicabilidade em sala de aula, espaço onde o educador aparece de maneira significativa para que ocorra a efetivação da lei. Os apontamentos conclusivos assinalam para as diferenças e as semelhanças das narrativas referentes à identidade negra.

PALAVRAS CHAVE: Negro; Identidade; Literatura; Lei 10.639/03.

ABSTRACT

This paper presents a comparative analysis between two works, *A Botija de Ouro*, written by Joel Rufino dos Santos (1984), and *As Tranças de Bintou*, Sylviane A. Diouf (2004). The interest was in drawing a comparative study between the plots of the two narratives, emphasizing the main characters, checking how the protagonists are presented, whether positively or not as the appreciation of the construction of a black identity. Among the authors that underlie the theoretical framework of this discussion, among which stand out: Candido (2004); Marinho (2014); Martins and Munhoz (2007); Munanga (2005) and Oliveira (2010). Discussion focuses on the african-Brazilian literature and their contributions to the deconstruction of stereotypes in early childhood education, as well as the Law 10.639 / 03 and its application in the classroom, space where the teacher appears significantly to the occurrence of the effectiveness of the law. The conclusive notes to point out the differences and similarities of the narratives related to black identity.

KEYWORDS: black; identity; literature; Law 10.639/03.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	LITERATURA AFRO-BRASILEIRA- BREVE CONSIDERAÇÕES.....	12
2.1	Literatura Infantojuvenil no campo da representação do negro....	14
2.2	A Literatura e a desconstrução de estereótipos na educação escolar infantil.....	18
3	LEI 10.639/03 E SUA APLICABILIDADE NAS ESCOLAS.....	21
3.1	Desconhecimento ou despreparo de professores diante do estudo da história afro-brasileira e Africana?	23
3.2	Educação das Relações Étnico-raciais e o Currículo Escolar.....	25
4	<i>A Botija de Ouro x As tranças de Bintou-</i> Produções Literárias com protagonistas negros.....	28
4.1	Conhecendo as obras.....	29
4.2	Breve Análise Interpretativa das obras.....	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil é um bem cultural que traz desde muito cedo o contato pessoal com a leitura. Isso pode ser referenciado a partir dos livros literários apresentados na infância e junto com esse mundo imaginário pode ser criada relações pessoais e interpessoais, já que nessa fase há o primeiro contato com personagens fictícios, sendo eles, heróis ou não, serão algo representativo na mente infantil. Nesse sentido, podemos concordar com Silveira (2005, p.16), quando descreve que:

A leitura escolar deve contemplar o aspecto formativo de educando, estimulando-lhe a sensibilidade estética, a emoção, o sentimento [...] o texto literário tem muito a contribuir para o aprimoramento pessoal, para o autoconhecimento, sem falar do constante desvelamento do mundo e da grande possibilidade que a leitura de determinada obra oferece para o descortínio de novos horizontes para o homem, no sentido da formação e do refinamento da personalidade.

Deste modo, o texto literário oferece muito mais que emoções, e implica na formação da própria personalidade do indivíduo. Então, a leitura é uma ponte entre concreto e abstrato, trazendo possibilidades de trabalhar em um ponto de vista voltado para as relações sociais.

Com a implementação da lei 10.639/03, que propõe a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar, houve uma ampliação na discussão e nos estudos sobre a temática étnico-racial, e ainda podemos dizer que a reflexão sobre este tema está em um processo de ascensão. As publicações intituladas nessa perspectiva estão presentes no cotidiano de nossas escolas e o papel do educador é trazê-las para sala de aula, de modo a valorizar e educar para a diferença.

Observando este contexto, este estudo tem por objetivo a análise de duas obras literárias nas quais o negro é protagonista. Os contos objeto de estudo são: *As Tranças de Bintou* de Sylviane A. Diouf (2004), com ilustrações de Shane W. Evans; e *A Botija de Ouro* de autoria de Joel Rufino dos Santos (1984) e ilustrado por José Flávio Texeira.

O interesse está em traçar um estudo comparativo entre as histórias anteriormente citadas, com ênfase nas personagens principais, e verificar como a protagonista é apresentada na trama narrativa do livro, se de forma positiva ou não quanto a valorização da construção de uma identidade negra. O que nos motivou a pesquisar e a abordar esse tema foi o interesse em conhecer o que é ofertado em matéria literária para que as crianças leiam. Isso porque é notável a existência de diversos livros em que o negro é protagonista da trama, mas como é representado e quem é esse indivíduo? Como tais livros poderiam ser utilizados em sala de aula? Enfim, são estas indagações que se guiaram para a elaboração do presente trabalho.

Diante desta abordagem, traremos uma pesquisa bibliográfica acerca do tema com análise de textos científicos e literários, com o intuito de enriquecer as discussões abordadas em todo trabalho. Entre os autores estudados, podemos destacar: Cândido (2004); Marinho (2014); Martins e Munhoz (2007); Munanga (2005); Oliveira (2010), entre outros, que foram norteadores para o embasamento teórico-metodológico.

Em um primeiro momento, abordaremos sobre a literatura afro-brasileira e suas implicações na educação escolar infantil. Pois, a partir da lei que torna obrigatório o estudo da cultura afro-brasileira e africana na educação básica, notou-se uma grande demanda de livros e editoras especializadas que abordam a questão racial em suas obras (MARINHO, 2014). Ainda, temos muito a pensar sobre a literatura como ferramenta para desconstruir estereótipos na mente de nossas crianças, mas sabemos que este pode ser um caminho envolvente no interior da escola, uma vez que, quando lidamos com o lúdico se torna mais acessível esse contato com o infante.

Posteriormente, no segundo capítulo, destacaremos as dificuldades e os avanços da lei 10.639/03 nas instituições escolares. E um dos principais agentes nesse processo é o educador, que tem como objetivo trazer para sua sala de aula temas relevantes que valorizem a diferença e diminuam o preconceito, porém, muitas vezes, o professor ainda está acomodado ao ensino no modelo eurocêntrico e há a necessidade de se instituir formações e cursos que ajudem esses profissionais a conhecerem melhor a lei, para, assim, garantir o direito a igualdade racial no ambiente escolar.

O último tópico deste trabalho, traz uma discussão entre duas obras literárias, *A Botija de Ouro* e *As Tranças de Bintou*, mostrando as protagonistas como centro da análise. Tais publicações mostram a história de personagens negras, onde as ilustrações e os textos estão apresentadas de forma diferenciada para o ponto de vista do leitor, quanto a valorização da identidade africana.

Nesse sentido, ao conhecer a história dos contos supracitados, podemos perceber a importância de analisar a leitura literária apresentada a nossos educandos, pois, cada trama tem um enredo particular, podendo contribuir na formação dos indivíduos e até despertar um senso de cidadania, respeito e pertencimento racial.

CAPITULO I

2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA- BREVE CONSIDERAÇÕES

A literatura brasileira está em um processo de “ascensão”, no tocante à produção literária afro-brasileira e sua divulgação. Nos últimos anos, conseqüentemente, tem ocorrido grande propagação de estudos sobre as relações étnico-raciais. Nesse sentido, Marinho (2014) afirma que após a publicação da lei nº 10. 639/2003, houve “a consolidação no mercado editorial brasileiro de editoras especializadas em livros voltados para temáticas que dizem respeito, mais especificamente, aos índios e negros”. (MARINHO, 2014. p. 8).

Contudo, antes de especificar autores e estudos sobre a literatura afro-brasileira, destacaremos critérios de configuração que a intitulam de tal forma. Para Assis Duarte (2008), deve-se levar em consideração: Primeiramente, a *temática*, pois o negro deve estar presente como tema central da literatura; a *autoria*, que deve ser composto por autores afrodescendentes; o *ponto de vista*, ou seja, um olhar voltado para a história, cultura e problemáticas relacionadas a vida dos afrodescendentes; a *linguagem*, onde exista um vocabulário linguístico proveniente da África, porém conhecido no Brasil; por fim, temos o *público leitor* afro-brasileiro “como fator de intencionalidade próprio a essa literatura e, portanto, ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral” (ASSIS DUARTE, 2008, p.12). Assim, para o autor, este conjunto de elementos é o que caracteriza a literatura como sendo afro-brasileira.

Historicamente, entre os séculos XIX e XX, alguns escritores tiveram destaque na literatura afro-brasileira, tais como, o escritor Gonçalves Dias, Maria Firmino dos Reis, Luiz Gama, José do Patrocínio e Lima Barreto (SANTOS, 2013). Além disso, alguns autores contemporâneos também estão cultivando a memória do povo negro nas suas publicações, entre eles, Santos (2013) aponta Maria da Conceição Evaristo de Brito, Jussara Santos, José Salgado Santos. É importante salientar que existem autores afrodescendentes que não incluem a temática étnico-racial em seus projetos literários, como a autora Marilene Felinto e tantos outros (ASSIS DUARTE, 2008). Nesse caso, reconheceremos escritores engajados em difundir a literatura afro através da discussão apresentada no texto literário, e não através de fatores externos, como a cor da pele do autor, por exemplo.

Do ponto de vista editorial, a primeira obra considerada afro-brasileira foi o Romance “Úrsula” de 1859 (SANTOS 2013). Em 1978, foi publicado o primeiro volume de *Cadernos Negros*, considerado um marco na literatura afro-brasileira. Este livro visava aumentar o campo para edições de autores negros e tratar de questões referentes à cultura negra no Brasil (FONSECA, 2006). A referida escritora ainda destaca que neste projeto “é incentivada uma visão crítica sobre os preconceitos disseminados na sociedade e são apontadas as possibilidades de apresentar o escritor negro como consciente de seu papel transformador” (FONSECA, 2006. p. 16). Nesse momento histórico, o negro consegue um espaço para exprimir seus ideais e seu ponto de vista através da literatura, pois em *Cadernos Negros*, tais escritores tinham a oportunidade de “aparecer”, já que suas publicações não eram aceitas em outros lugares.

No tocante a literatura infantil, tomando como base doze obras literárias¹ publicadas na década de 79 a 89, Oliveira (2008) destaca que foram verificadas algumas situações evidenciadas nas mesmas, tais como: 1) os negros que eram protagonistas, na maioria das vezes eram pobres; 2) os protagonistas brancos e pobres, tinham situação elevada aos negros; 3) alguns personagens negros estão em um ambiente de doença, fome, morte, rejeição e também de coragem, luta e resistência. Diante disso, é notório verificar o quanto existe de preconceito na representação do em obras literárias de 1979 a 1989.

Em contrapartida, nas duas últimas décadas do séc. XX, a representação de personagens negros da literatura infantojuvenil, abandona os papéis de marginais e escravos, e começam a serem revelados em um ambiente familiar (MARINHO, 2014). Ainda de acordo com a autora,

As discussões sobre discriminação e preconceito, os relatos sobre a escravidão e as formas de resistência, vão cedendo lugar aos relatos de um cotidiano comum a todas as crianças e jovens que frequentam a escola, vivenciam conflitos familiares, têm medo do escuro, de ficar longe dos pais... Os textos inovam também quando adotam o ponto de vista das crianças e não dos adultos, inclusive nas ilustrações. (MARINHO, 2014. p. 10)

¹ **Neco, o sonhador; A história do galo marquês; Um sinal de Esperança; A saudade da vila; Dito, o negrinho da flauta; Xixi na cama; Tonico e carniça; Nó na garganta; João que semeava flor e cantava amor; A cor da ternura; Menina bonita do laço de fita e O menino Marrom.**

Assim, notamos que, atualmente, os textos literários estão tentando desconstruir o modelo eurocêntrico pregado por tantos anos, e trazer uma abordagem que se refere a pessoa negra como ele é: um ser social que, como qualquer outro, passível de conflitos, desilusões e ascensões.

As obras que retratam as tradições religiosas, mitológicas e a oralidade africana, também devem ser lembradas, uma vez que resgatam a identidade africana. Nessa perspectiva, Jovino (2006) relata que,

Há também os livros que retomam traços e símbolos da cultura afro-brasileira, tais como as religiões de matrizes africanas, a capoeira, a dança e os mecanismos de resistência diante das discriminações, objetivando um estímulo positivo e uma autoestima favorável ao leitor negro e uma possibilidade de representação que permite ao leitor não negro tomar contato com outra face da cultura afro-brasileira que ainda é pouco explorada na escola, nos meios de comunicação, assim como na sociedade em geral. Trata-se de obras que não se prendem ao passado histórico da escravização. (Jovino, 2006. p.216)

O estímulo positivo, citado pela autora supracitada, traz ao leitor negro um novo olhar para seu passado, valorizando sua origem através da religião ou da dança, por exemplo. Já para o leitor não negro, possibilita conhecer a história e cultura africana fora dos padrões apresentados por tantos anos, ou seja, um modelo eurocêntrico que representava o negro como escravizado e em condições estereotipadas.

Em suma, se observa que ao oferecer uma produção literária voltada para o segmento das relações étnico-raciais, pode consolidar na criança um pertencimento étnico, além de trazer para sala de aula a valorização de um povo que contribuiu, e ainda contribui, para a construção da cultura brasileira.

2.1 Literatura Infantojuvenil no campo da representação do negro

A produção literária identificada como literatura Infantojuvenil é uma ferramenta importante para a construção do imaginário infantil e juvenil, como o próprio nome indica. Regina Zilberman traz uma discussão em sua fala sobre essa natureza imaginária que a literatura infantil oferece:

Como procede a literatura? Ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 2012, p.22).

A síntese da realidade através da ficção aparece como ponto chave para ativar o imaginário do leitor, ou seja, torna-se um apoio na construção de visão de mundo da criança, podendo conhecer diferentes lugares ou culturas pela leitura.

O poder de experimentar novas experiências ao ler ou ouvir histórias traz possibilidades diversas de conhecimento, e se aliado a isto for trabalhado em uma perspectiva étnico-racial, podemos proporcionar aos educandos uma visão de mundo menos preconceituosa.

A produção literária voltada para uma afirmação da identidade negra, historicamente, vem se perpetuando, de maneira discreta, ao longo de nossa história, como ressalta Oliveira (2010, p. 61):

Reportamo-nos, aqui, às acepções e repercussões da Negritude enquanto movimento de afirmação das identidades negras, iniciada na diáspora, na França, tendo ressonância no Brasil, ao final dos anos 70. No que se refere à nossa literatura infantojuvenil, pelo que consta no percurso histórico, não há sinal de acontecimentos dessa ordem enquanto produção artística grupal. O que houve (e ainda nos dias de hoje), apesar da intensa proliferação de produções desde os anos 80, resulta de publicações individuais, e poucos escritores voltados, prioritariamente, para a temática do segmento negro.

A autora ainda destaca escritores que se sobressaem e priorizam a temática do afrodescendente em suas publicações, como: Heloisa Pires Lima, Geny Guimarães, Júlio Emílio Braz, Inaldete Pinheiro Andrade, Aroldo Machado e Rogério Andrade Barbosa. Porém, verifica-se que autores como Ana Maria Machado, Ziraldo, Lúcia Pimentel Góes, Jonas Ribeiro e outros, trazem entre suas publicações alguns personagens protagonistas negros, e apesar de não terem a prioridade em escrever sobre o negro e sua cultura, mesmo assim, já se mostram interessados em trabalhar essa abordagem como tema principal em algumas obras.

Com o tempo e com a propagação de novos autores, os livros destinados ao público infantil vão se modificando e provocando uma ampliação na vivência das crianças, através da leitura e do conhecimento que este tipo de literatura proporciona (BIER, 2004). Na verdade, esta afirmação nos alerta sobre a importância de se trabalhar pedagogicamente com a literatura, seja com os contos, poesias, ou outras histórias infantis na infância, sendo este um ato que contribui para a imaginação e com o prazer pela leitura. O primeiro contato da criança com esse universo imaginário, pode trazer um mundo novo ou até mesmo algo que já vivencia em sua comunidade.

Nesse contexto, não podemos nos afastar e/ou esquecer das ilustrações presentes nessas obras, pois como lembra a autora Zilberman (2012) a criança que ainda não lê, por muitas vezes, faz a leitura através das gravuras que o livro dispõe. Diante disso,

é importante voltar os olhos para o fato de a literatura se comunicar com o seu leitor e, no caso do infante, um leitor que absorverá, através das imagens a ele apresentadas, ou seja, da ficção, uma realidade para ele colocada como a real ou a ideal. Por isso, faz-se necessária uma atenção redobrada sobre a sociedade desenhada nas páginas dos livros infantis, pois, será esta a percebida como a normal, a ideal (ALMEIDA, A; MENDES e ALMEIDA, P. 2010. p.4).

Desse modo, a escrita e a imagem se encontram em um patamar que juntas podem fazer a diferença, pois, não adianta um texto ser bem escrito, e as imagens serem depreciativas, ou que tragam algum tipo de discriminação racial, religiosa ou social, por exemplo. O livro de conto tem que ter como fundamento principal o encantamento da escrita e da ilustração. Assim, esperam-se obras infantis que desconstruam estereótipos, trazendo o respeito com a diversidade cultural existente em nossa sociedade.

Com efeito, a literatura infantil e/ou juvenil pode ser um ponto de partida para estabelecer uma relação pessoal étnica de respeito com o próximo, considerando que a educação infantil é um dos alicerces da formação intelectual e moral do educando. Um espaço por onde devemos começar a transmitir conceitos referentes à compreensão, aceitação e valorização da identidade cultural que cada um possui.

Guimarães, Dantas e Moura (2012), ao comentar sobre a literatura africana e afro-brasileira, destacam que estas narrativas podem trazer ensinamentos

importantes para a vida social da criança, podendo contribuir de maneira positiva à construção de sua identidade racial. Além de fornecer um apanhado de informações sobre seus antepassados, tendo em vista, a valorização da sua cultura. Nesse ponto de vista, nota-se o valor que este instrumento literário traz para o cotidiano dos alunos, mostrando o que muitos gostariam de ouvir, sua própria história, recontada de modo a não hostilizar seu pertencimento étnico. E por outro lado, apresenta a ideia que vivemos em uma sociedade heterogênea, onde deve-se respeitar e valorizar as diferenças culturais existentes.

Nessa perspectiva, nota-se a importância de trabalhar com obras literárias que enfatizem a cultura afro-brasileira e africana, para que não propague o preconceito a especificidades. E como diria o grande Nelson Mandela apud Trindade (2013. p. 3):

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se elas podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que seu oposto.

A construção do conjunto de características pessoais está intimamente relacionada a vida educativa da criança, já que com o passar dos anos várias etapas de ensino são concluídas na fase escolar e junto com elas o pensamento crítico do educando vai se desenvolvendo. E se as pessoas aprendem a ser preconceituosas, por que não aprenderem a serem mais humanas? Pode-se dizer, que este é um dos papéis do Sistema educacional, humanizar. E a literatura pode auxiliar nesse processo, uma vez que ela possui um papel humanizador.

Para Cândido (2004, p. 180), “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade a medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Para o autor, todos os tipos de produções literárias atendem a suprir as principais necessidades do ser humano, principalmente quando ocorre através do enriquecimento da personalidade e do grupo. Logo, a literatura infantil encontra-se como um recurso propagador de ideologias que transporta a ficção para a realidade; diz o certo e o errado; faz sorrir ou faz chorar; basta utilizar este meio educativo de forma coerente, buscando evitar trazer para o ambiente escolar leituras repletas de discriminação.

2.2 A Literatura e a desconstrução de estereótipos na educação escolar infantil

A educação infantil está intimamente ligada ao processo de formação do caráter humano, uma vez que esta tende a representar um espaço do primeiro contato que a criança tem com a escola e com pessoas diferentes do seu convívio social comum. Assim, nessa fase, tem-se uma grande missão, além de alfabetizar, Educar para vida.

Partindo dessa premissa, verifiquemos a lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da cultura africana e afro-brasileira nas instituições escolares. A referida lei tornou-se uma ferramenta que cria oportunidades para diminuir o preconceito e a discriminação racial.

Munanga (2005. p. 18), aponta que:

Embora concordemos que a educação tanto familiar como escolar possa fortemente contribuir nesse combate, devemos aceitar que ninguém dispõe de fórmulas educativas prontas a aplicar na busca das soluções eficazes e duradouras contra os males causados pelo racismo na nossa sociedade. A primeira atitude corajosa que devemos tomar é a confissão de que nossa sociedade, a despeito das diferenças com outras sociedades ideologicamente apontadas como as mais racistas (por exemplo, Estados Unidos e África do Sul), é também racista.

Embora não haja procedimentos metodológicos educativos tal qual fórmula para diminuir o preconceito ou a discriminação, é fato que, a partir do momento que se compreende que se vive em uma sociedade racista, é viável buscar alternativas inovadoras para tentar transformar essa realidade. Por conseguinte, é necessária uma autorreflexão de como abordar esse tema para não cair no risco de reafirmar um contexto preconceituoso e uma falsa ideia de que o negro era meramente um ser escravo, pobre e sem cultura. Estudos mostram, ao contrário disso, que a cultura afrodescendente é diversificada, uma vez que esta é oriunda dos diversos grupos africanos que vieram para o território brasileiro, desenhando moldes de diferentes culturas africanas. (PEREIRA, 2007)

Uma vez percorrendo sobre educação infantil, destaquemos aqui algo que encanta esse mundo: a literatura. Esta pode ser uma importante ferramenta para se trabalhar com crianças numa perspectiva étnico-racial, haja vista que:

Um dos aspectos importantes dos saberes que atravessam a literatura é que esta estimula a curiosidade dos leitores, responde à necessidade que todos temos de imaginação, devaneio, sonho, de ouvir histórias, de compartilhar com os outros, enfim, um patrimônio cultural comum. (FREIRE, 2010. p. 192)

Dessa forma, considerando ser a leitura capaz de pontuar todos esses sentimentos citados acima, ela torna-se uma aliada para trabalhar, na perspectiva étnico-racial, pelo fato de despertar sentidos que extrapolam o senso comum e fazem com que as relações socioculturais aconteçam de forma mais natural. Esse trabalho pode ser prazeroso tanto para o educador como para o educando. Certamente não é uma fórmula mágica, mas sim um importante instrumento, um atrativo a mais para se buscar desconstruir estereótipos impregnados na sociedade a muito tempo e construir novas formas de percepção.

Do ponto de vista da formação, Rosemberg (1985, p.59) assegura que o livro infantil educa sim, e muito. “A sua postura aberta e declaradamente didática se faz sentir na temática escolhida, na estrutura narrativa, na própria transmissão de princípios morais e de outras informações, ou ainda na eleição de personagens modelares”. Assim, podemos destacar o papel do educador como primordial nesse momento, pois cabe ao mesmo escolher narrativas que eduquem e transmitam a diversidade étnica presente na sociedade, uma vez que as crianças, geralmente, tentam (re)produzir o que veem, e se estas são instigadas a conhecer essa disparidade cultural, vão crescer mais críticas e não reafirmarão determinados valores culturais tidos como referência.

Nesse sentido, ainda de acordo com a formação do indivíduo enquanto leitor, o crítico Antônio Cândido (2004) salienta que a literatura:

Tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. Daí a ambivalência da sociedade em face dele, suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a

visão convencional gostaria de proscrever. No âmbito da instrução escolar o livro chega a gerar conflitos, porque o seu efeito transcende as normas estabelecidas (CANDIDO, 2004. p. 173).

A leitura é um túnel diversificado de encantamentos, e este fato pode atrair a atenção e tornar o “mundo da imaginação” um recanto de prazer. Com a literatura há a descoberta do novo, uma maneira diferente de conhecer o outro, ou as outras culturas, fugindo ou não do tradicional, e isto, as vezes, é o que instiga a leitura, o modo de fugir dos padrões pré-determinados pela sociedade. Não obstante, além de trabalhar o imaginário pode formar a personalidade, e com isso trazer para a realidade pessoal a necessidade de conhecer, antes de ter um “pré-conceito” do desconhecido.

Outrossim, trabalhar a diversidade na educação infantil com o material adequado a faixa etária da criança traz a possibilidade de inserir no contexto educacional uma abordagem mais respeitosa e orientada às relações étnico-raciais. Isso porque o livro é um material concreto que traz reações abstratas, sensações que introduzem o leitor a conhecer diversas culturas, mundos e histórias diferentes. Porém não basta conhecer, deve-se viver, sentir, refletir, para, a partir daí, tentar, desconstruir opiniões pré-estabelecidas.

Em linhas gerais, a educação escolar, também tem o dever de formar cidadãos mais conscientes e menos preconceituosos, e de acordo com Martins e Munhoz (2007. p. 21), “a escola pode ser o local da desconstrução de estereótipos e valores genéricos da sociedade, já que é o espaço do conhecimento, da construção de novos sentidos e da diversidade”.

Esta pluralidade cultural é algo constante na sociedade, e a instituição escolar pode ajudar no sentido de diminuir a disseminação da intolerância racial entre os envolvidos no processo educacional, uma vez que, a escola deve ser um ambiente neutro para se desenvolver a consciência emocional e intelectual do indivíduo.

CAPITULO II

3 LEI 10.639/03 E SUA APLICABILIDADE NAS ESCOLAS

A obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira se deu a partir da lei 10. 639/03, sancionada pelo Governo Federal. De alguma forma, a referida lei vem representar a luta por valorização e respeito pela identidade negra. Além do mais, vale destacar que, “ser negro no Brasil não se limita às características físicas. Trata-se também, de uma escolha política. Por isso, o que é quem assim se assume” (BRASIL, 2004. p. 15). Conseqüentemente, a questão de raça se dá através do reconhecimento de sua identidade, independentemente de seus traços físicos, uma vez que no Brasil, ao longo do seu processo histórico, tivemos índios, italianos, holandeses, africanos, entre outros, habitando e atravessando todo o país, sendo assim, somos uma sociedade multicultural.

A sanção da lei 10. 639/03 foi um valioso progresso para o reconhecimento da cultura afro e a valorização da diversidade. Sendo assim,

A aprovação dessa lei foi sem dúvida um passo importante para que a verdadeira história do nosso país seja contada, e a nosso ver pode contribuir para a melhoria da auto-estima de milhares de crianças negras, bem como para a construção de sua identidade. O objetivo da lei, segundo nossa visão, é o reconhecimento da diversidade existente no Brasil, bem como o questionamento das relações inter-raciais, que no caso dos negros estiveram sempre baseados no preconceito e em sua desvalorização como pessoa (MARTINZ e MUNHOZ, 2007. p. 38)

A desvalorização é a concepção chave passível de se abolir de nossas vidas, e de nossa educação escolar, e dar lugar a uma educação justa, respeitosa e igualitária a todos. Além disso, podemos destacar a importância do educador nesse processo, pois só com o conhecimento e o comprometimento será capaz de influenciar e/ou reverter, com dificuldade ou não, a realidade impregnada de racismo.

Assim também a instituição escolar deve estar preparada para inserir no currículo as sugestões impostas na lei, e adequar o Projeto Político Pedagógico, de modo a estabelecer as relações étnico-raciais na rotina escolar.

Kabengele Munanga (2005, p. 16). expressa que:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

Assim, podemos dizer que a educação é uma aliada na ruptura do pensamento eurocêntrico vivenciado por muitos, por tanto tempo, em nossas escolas. Hoje temos que afastar do seio escolar uma prática preconceituosa e valorizar a memória dos nossos descendentes africanos, pois, como o autor supracitado afirma, também faz parte de nossa história e pertence a todos nós.

Portanto, o poder que a educação possui é de transformação e democratização entre os envolvidos no sistema, desse modo, a constituição de um processo educacional voltado para a formação do indivíduo seria o começo, para a efetivação da lei no ambiente escolar. Nesse sentido, Nóbrega (s/d. p. 8-9) destaca que:

A Educação constitui-se em um dos principais mecanismos de transformação de um povo. Desse modo, as escolas têm como função social a responsabilidade de mudar a história, cabendo-lhes a incumbência de dinamizar a propagação desta lei e de promover a reeducação racial já que elas influenciam diretamente a vida de seus alunos. Organizar um ambiente escolar em que seus interlocutores (professores, gestores e coordenadores) tenham de suscitar um espaço de inclusão das diversidades e exercerem papéis que contribua com todo o processo de democratização dos saberes, bem como, ser comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimulando a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitam as diferenças e as características

dos diversos grupos sociais e das minorias é um imperativo nos dias atuais.

A função social da escola, portanto, é estimular a democratização na formação do educando, pois, se vivemos em um país democrático e com grande diversidade de culturas, no ambiente educacional é de extrema importância incentivar a prática de ações afirmativas que valorizem a pluralidade cultural. Os gestores, junto a toda sua equipe, devem garantir um ambiente propício ao desenvolvimento total do aluno, e isto acontece, quando o mesmo não se sente oprimido ou inferiorizado.

3.1 Desconhecimento ou despreparo de professores diante do estudo da história afro-brasileira e Africana?

Para que haja o efetivo cumprimento da lei 10639/03 em nosso sistema educacional, deve-se primeiramente conhecê-la para aplicar em sala de aula. E com isso, inicialmente, há uma indagação: Falta informação ou formação para nossos educadores? Nesse sentido, Santos (s/d. p. 8) afirma que:

Com a lei sancionada, tornando obrigatório o ensino da História dos afro-brasileiros e da África no ensino fundamental e médio, deu-se conta das dificuldades de sua implantação, em geral, os professores nunca tiveram, em suas graduações, contato com disciplinas específicas sobre a História da África, além do que a grande maioria dos livros didáticos de História utilizada nestes níveis de ensino não reserva para a África espaço adequado, os alunos passam a construir apenas estereótipos sobre a África e suas populações.

Portanto, podemos considerar que muitos, dos atuais educadores, não possuíram formação em suas graduações que os instruísem para o estudo de História da África e com isso continuam desconhecendo e pregando a mesma ideia indicada nos livros didáticos. Todavia, vale salientar que a referida lei já está em vigor desde 2003, e com a falta de informação sobre a obrigatoriedade da mesma,

pode-se dizer que é até, de certa forma, falta de comprometimento com a educação. O investimento na formação continuada para os professores é de extrema importância, para que eles comecem a lidar com mais segurança os desafios encontrados no dia-a-dia.

Assim, no tocante a educação para diversidade, um assunto que não podemos deixar de abordar é a formação dos nossos educadores. Sobre esta abordagem, Martins e Munhoz (2007, p. 35) ressaltam que “muitas pesquisas têm dado conta de que os professores não estão preparados para lidar com a diferença nem para combater o racismo presente em suas salas de aula”. E se os mesmos não se encontram preparados, pode-se simplesmente culpa-los? Sabemos que a educação desses profissionais foi impregnada de atitudes de discriminação e exclusão, e isto ainda persiste no subconsciente dos mesmos, e só com muita informação, e um trabalho voltado para temática étnico, que podemos desenvolver e estimular novas mudanças de pensamento e de postura.

O autor, Costa (2010, p. 46), em sua fala destaca que:

Superar o problema da discriminação racial na educação não é colocar capoeira, cabelo com trancinha ou feijoada no currículo; pode até passar por isso, mas deve antes passar pelo compromisso dos educadores de tentar qualificar os seus alunos negros para as mesmas posições ocupadas pelos alunos oriundos dos outros segmentos étnicos.

Em contrapartida, Martins e Munhoz (2007, p. 36) fala que “muito se exige, mas há pouco apoio real para que esses profissionais possam enfrentar a realidade social, global e cotidiana com a qual deparam”. Desse modo, o que se percebe é que os professores precisam ser estimulados e orientados a respeito da importância da educação para a valorização da diferença.

Para que aconteça a verdadeira efetivação da lei nas escolas, é de relevante importância o comprometimento dos profissionais da educação. Procurar cursos que abordem a temática étnica para que possam desconstruir estereótipos e construir um novo pensamento para a democratização do ensino. Além disso, com a busca por uma identificação com a identidade negra, pode-se construir uma mobilização para combater o preconceito e reconhecer a rica diversidade cultural africana.

Atualmente encontramos materiais didáticos produzidos e pensados, para desenvolver na prática pedagógica, uma afirmação da identidade negra, porém, muitos educadores ainda não estão preparados para ligar a teoria à prática em sala de aula, assim como nos revela Aguiar, J. e Aguiar, F. (2010, p.94) em sua fala:

As questões relativas a aplicabilidade da lei já foram e ainda são discutidas em diversos eventos científicos envolvendo vários especialistas, resultando em propostas, posicionamentos, materiais de apoio aos professores e outras propostas. Entretanto, infelizmente, ainda encontramos profissionais da educação sem o preparo necessário para trabalhar as questões relativas a História e cultura afro-brasileira e africana.

Portanto, é necessário que além de dar as condições para um trabalho voltado para uma educação de qualidade e sem preconceito, haja uma iniciativa que ensine a usar essas ferramentas, de modo a construir, na sala de aula, um espaço aberto onde aconteça o diálogo. Uma vez que, a educação é o alicerce na construção de uma sociedade mais respeitosa e preparada para aceitar as diferenças. Nesse caso, voltamos, mais uma vez, ao início dessa discussão: a importância da formação do educador para trabalhar a questão étnico-racial em seu espaço educacional.

Sendo assim, integrar a cultura africana nos moldes do currículo escolar é um desafio de todos. Estudar, dialogar e respeitar se tornam o “tripé” para uma educação mais justa, com ações positivas de afirmação da identidade negra. Criar propostas educativas podem fazer o diferencial na vida dos educandos, basta estabelecer um Projeto Político Pedagógico (PPP) que atenda os propósitos.

3.2 Educação das Relações Étnico-raciais e o Currículo Escolar

Não há como fugir da responsabilidade de trabalhar esse tema na escolarização. Além da importância que é resgatar a história dos afrodescendentes, também vale salientar a relevância que pode trazer para sociedade, formando valores e minimizando o preconceito. Isso porque

A 10.639 instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos Africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio.

Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira (BRASIL,2004. p. 8).

No entanto, Gomes (2012) afirma que na escola ou no currículo a discriminação racial está presente e o silêncio é um meio pelo qual a mesma se perpetua. Além disso, a autora ainda completa: “Não se pode confundir esse silêncio com o desconhecimento sobre o assunto ou a sua invisibilidade. O silêncio diz de algo que se sabe, mas não se quer falar ou é impedido de falar” (GOMES, 2012. p.105).

O silêncio em questionar sobre a questão racial é o ponto chave a se discutir nas instituições escolares, uma vez que esse sentimento está impregnado de preconceito. Com efeito, este pode ser um ponto de partida para se pautar novas indagações: Porque a omissão em tratar desse assunto? Porque a escola e o currículo silencia ao invés de exigir uma educação voltada para a valorização da identidade? A invisibilidade do assunto não pode ser confundida com desconhecimento, pois a lei existe desde 2003, e desde então é dever das escolas inserir no currículo o ensino da cultura africana.

Todavia, de acordo com Gomes (2008), não podemos negar a influência eurocêntrica no currículo, uma vez que, no processo histórico escolar indica que a história e a cultura africana, comparado com a cultura dos países europeus, tem pouco destaque em nossas instituições.

Assim, notamos que é um longo processo de desconstrução de um sistema saturado por tantos anos de opressão, onde o racismo não é questionado, por ser algo comum aos olhos e ouvidos de quem o pratica. Nesse sentido, Silva (2012, p. 111) ressalta que:

(...) é importante registrar que, quando discute o enfrentamento da problemática das relações étnico-raciais pelo currículo, as Diretrizes e o Plano Nacional de implementação das diretrizes não propõem a substituição do currículo existente, com um viés branco-europeu por um currículo exclusivamente afro-brasileiro e africano. Isto seria negar a contribuição europeia, e também a indígena e a asiática para a construção da história e cultura do país, e cair em um processo de inversão metafísico, estruturalista, vitimista e ressentido; não é essa a proposta. O currículo, assim como a cultura, é produzido no contexto das relações sociais; um currículo construído para atender as demandas que emergem com a Lei 10.639/03 deve ser pensado em contraponto com o currículo tradicional e basear-se na

investigação histórica dos conhecimentos, preocupando-se com questões de saber, poder e identidade.

Assim, a construção do currículo é um processo cuidadoso, onde deve ser levado em consideração a realidade de cada lugar, e não desconsiderar a importância que outros povos tiveram para a construção da identidade do país. A abordagem com orientação étnico-racial é importante, pois é notório que ainda é um grande desafio falar sobre a história e cultura dos afrodescendentes, uma vez que pode gerar conflitos de identidade em sala de aula. Porém, não seria esse o objetivo? Causar indagações e gerar uma discussão sobre a necessidade de conhecer a verdadeira “face” destes, que, ainda, muitos, insistem em desvalorizar.

Para Santos (2010, p. 48), “As propostas da lei se aplicam a todas as disciplinas do currículo escolar, mas principalmente a disciplinas de português, arte e história”. Sobre a última, a autora enfatiza que ao longo da história, pouco se discutiu sobre a história dos africanos e afrodescendentes no Brasil, pois a história ensinada nas escolas tinha uma ordem, onde começava pelas Grandes Navegações, passava pela economia canavieira, o trabalho escravo e terminava com a abolição.

Nesse sentido, é importante salientar que na vida diária educacional, deve estar inserido no planejamento, seja ele formal ou não, um pouco das relações étnico-raciais. E isto, não seria modificar o currículo existente, mas inserir em diversas áreas do conhecimento uma realidade ocultada e pouco divulgada nas instituições escolares, uma vez que o negro não se resume, apenas em um período de escravidão, onde os mesmos eram escravizados. Deve-se mostrar o outro lado da moeda, quem eram estes cidadãos em sua Terra? Conhecer a cultura dos africanos e suas influências para a nossa cultura, enfim, valorizar e reconhecer os afrodescendentes.

Martins e Munhoz (2007, p.19) relatam que, diversos autores, demonstram que:

Os conflitos vividos pelos sujeitos negros na construção de uma imagem positiva de si mesmos e avaliam o impacto que a exposição cotidiana às imagens negativas pode gerar na formação da identidade dessas pessoas. Se o negro é retratado como sinônimo daquilo que é desvalorizado (ou tem menor valor) na sociedade,

seria compreensível que as crianças negras não queiram se identificar com esse valor.

Na atual sociedade, as crianças se espelham no que ouvem e veem na televisão, na escola ou na comunidade. Se o negro aparece de forma negativa, provavelmente, elas negarão sua identidade. Partindo deste pressuposto, e da ideia que no ambiente escolar é propício às relações pessoais, faz jus à necessidade de valorizar o africano e sua cultura nas aulas diárias pautadas no currículo escolar. Nas aulas de Português para educação infantil, por exemplo, uma boa sugestão é a leitura de contos que abordem a temática de maneira esclarecedora, atrativa e menos depreciativa. A apresentação de histórias que valorizem e estimulem o respeito pode ser uma proposta para diminuir o preconceito no sistema educacional.

CAPITULO III

4 A Botija de Ouro x As tranças de Bintou- Produções Literárias com protagonistas negras

Ao percorrer estudos realizados entre autores e pesquisadores envolvidos na temática étnico-racial, selecionamos para análise narrativas diferenciadas que enfocassem a pessoa negra como personagem principal em narrativas do gênero conto. As obras a serem abordadas são: *A Botija de Ouro* e *As Tranças de Bintou*.

O eixo temático entre as narrativas se diferenciam, assim como o tempo e o lugar, no entanto se igualam quanto à personagem de mesmo gênero, já que são duas meninas (*A Noite que Vem* e *Bintou*). Além disso, podemos notar a relação das protagonistas com os demais personagens, onde os adultos são representados de forma particular em cada história.

4.1 Conhecendo as obras

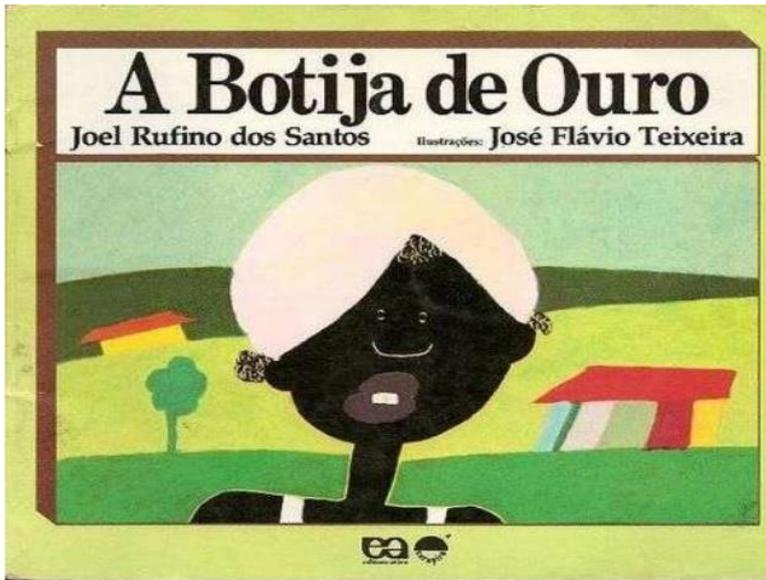


Figura 1

A Botija de Ouro é um livro infantil escrito por Joel Rufino dos Santos, que já escreveu diversos livros para crianças, jovens e adultos, e traz nesta obra a história sobre uma escrava em seu trabalho diário junto ao “seu senhor”, o feitor e os outros escravos.

O autor² é filho de pernambucanos e nasceu em Cascadura, subúrbio do Rio de

Janeiro, em 1941. Entre alguns dos cargos que ocupou no país, podemos destacar: Pesquisador do Instituto de Estudos da Religião (ISER); Diretor do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro; Presidente da Fundação Cultural Palmares (MINC); Membro da Comissão de Comunicação Institucional do Tribunal de Justiça, entre outros.

O escritor traz no conto a história de vida de uma escrava que não sabia seu nome, e todos pensavam, sugeriam, porém nunca conseguiam colocar um nome nela. Além disso, a história é baseada em uma lenda: “A Botija”. Em relação a esta lenda, Fonseca e Neto (2015, p. 262), citam:

A botija se situa como metáfora para uma riqueza perdida (as crenças, os valores, os princípios) pela desobediência. Na literatura oral ambientada no sertão do Nordeste brasileiro, espaço constantemente marcado pelas secas e pela escassez de alimentos, também a presença das botijas prefigura como a riqueza que salvará o indivíduo do seu estágio de penúria adquirindo, desse modo, um sentido de vida para essa comunidade que ouve e conta essas narrativas.

² Biografia do autor, disponível em: <http://www.joelrufinodossantos.com.br/paginas/biografia.asp>.

Esta metáfora é contada em forma de narração pelo autor, com momentos de fala dos personagens. A narrativa acontece no período da escravidão, em uma fazenda, e a tal botija, torna-se o enredo principal da trama.

A sabedoria dos mais velhos é algo respeitado na história, pois a vó Belquisse era a anciã que tinha o poder da oralidade entre todos da senzala, afirmando, assim, o resgate da cultura africana na obra.

Em suma, este conto retrata um período onde os africanos eram escravizados e sofriam com castigos físicos e morais, além de reportar a uma lenda pouco divulgada nos dias atuais.

O conto *As Tranças de Bintou*, tem como autoria a escritora Sylviane A. Diouf, e foi lançado nos EUA em 2001 e no Brasil em 2004. Este livro da literatura infantojuvenil traz ao leitor a vida de uma menina africana chamada Bintou que tem o sonho de ter tranças em seus cabelos, assim como as mulheres da aldeia onde vive, porém por ser muito nova e ter o seu cabelo curto, tem apenas pequenos biotes na cabeça. Além disso, a história é narrada pela protagonista e traz em suas palavras sentimentos e o seu desejo em ter lindas tranças. Após um ato de bravura em salvar jovens de sua aldeia que estavam se afogando, Bintou faz um pedido a mãe para fazer as tranças e a mesma aprova, porém sua avó faz biotes com enfeites e a menina fica satisfeita e feliz com seu cabelo.

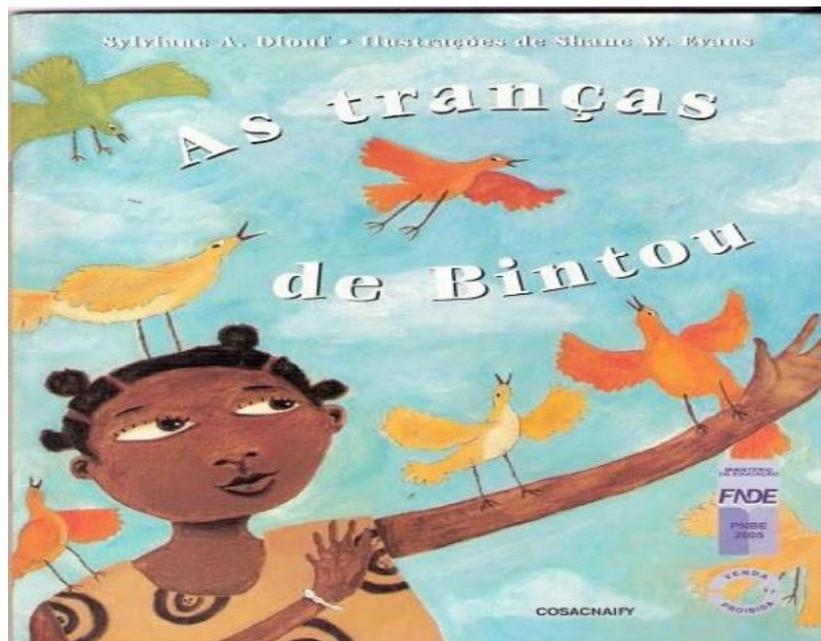


Figura 2

O vilarejo ao qual é citado no texto, não especifica o país a que está inserido, apenas nota-se que pertence ao continente Africano, e traz um cotidiano de pessoas que vivem em harmonia sem compartilhar de atos preconceituosos.

A forte presença familiar da criança, também é algo a ser destacado, pois nota-se a valorização e o carinho na fala da personagem, que cita, a irmã, a vovó, o irmãozinho, a mamãe, o papai e a tia, com afeto.

Assim como no conto *A Botija de Ouro*, a sabedoria dos mais velhos é enfatizada. Este fato pode ser notado na fala da menina, onde diz que “vovó Soukeye sabe de tudo” (DIOUF, 2004, p. 10). A oralidade é um ponto forte na tradição africana e é repassado através dos anciãos da comunidade, como afirma Santos, L. (2010, p. 1-2):

A tradição oral é a responsável pela estrutura política, ética, estética, filosófica, religiosa de determinado local, isto é, de toda formação cultural dos povos em territórios africano. A fala é o meio pelo qual se estabelece a dinâmica do cosmo africano, pois para proferir a palavra é necessária uma vivência dentro da tradição, com isso surge um outro elemento necessário e suficiente para sustentar a tradição oral, que é o da ancianidade.

Ademais, as ilustrações apresentam através das vestimentas, das comidas e das cores, uma cultura presente no cotidiano da comunidade. A autora prezou por mostrar o espaço de vivência de Bintou, em uma vila pacata, onde todos se conhecem e vivem em harmonia.

O direcionamento está em fazer uma leitura mais analítica das obras acima citadas, verificando a proposta de cada autor na perspectiva de uma literatura voltada ao universo infantojuvenil e, desse modo, analisar a representação do negro nas duas obras.

4.2 Breve Análise Interpretativa das obras

No conto *A Botija de Ouro*, o leitor conhece a história de uma escrava, na qual o narrador conta como a personagem vive. Adentramos o universo da história

através das ilustrações, que mostram de maneira exagerada os traços africanos presentes na protagonista principal, como podemos notar na figura a seguir:

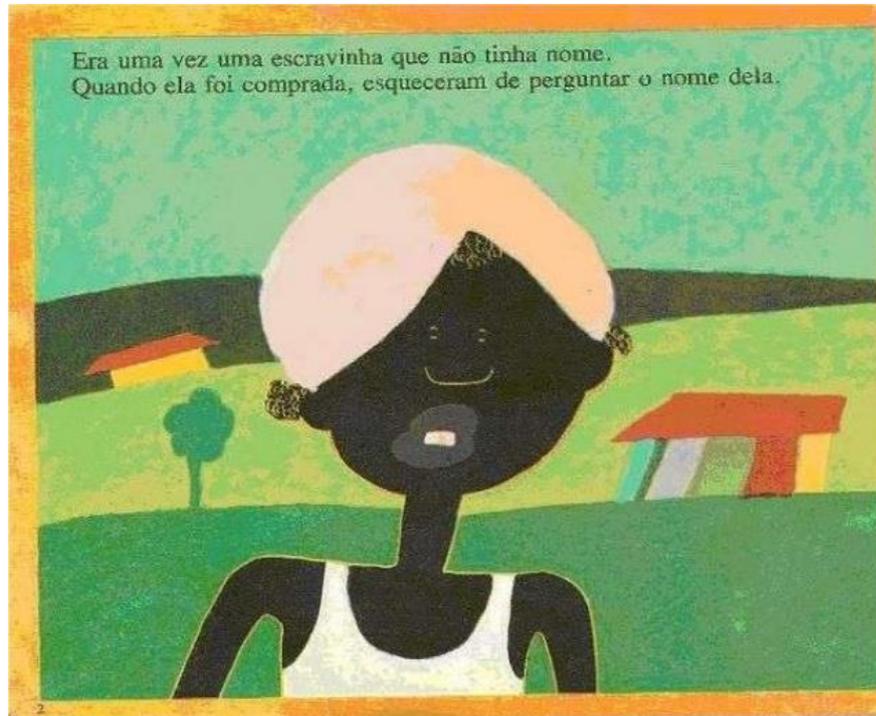


Figura 3

Na primeira página, o escritor fala: “Era uma vez uma *escravinha* que não tinha nome”. O termo usado para definir a personagem soa como termo pejorativo. Porém, notamos que a personagem citada é apenas uma menina, supondo-se, assim, que referiu-se a *escravinha* relacionando-a ao tamanho. Já na figura (fig. 3), a arte mostra uma pessoa sem expressão aparente, com poucas linhas para representar sua face. Alguns traços pessoais nos chamam a atenção, como a boca, por exemplo, que nos remete a pessoas de origem africana, e nesse sentido, notamos a importância da ilustração na obra, que quando reportamos a ALMEIDA, A; MENDES e ALMEIDA, P. (2010), nos fala da importância da imagem nos livros infantis, pois estas estão representadas para o infante como algo natural.

Em todo texto, é explícito expressões como: “- Que ela é *preta* como a noite. Nunca vi mais *preta*.” (p. 5); “- Que embrulho é esse ai, *diabo de negrinha*” (p.13); “que luz é essa, *diabo de pretos*” (p. 16);” - Então, *diabo de moleca!* Onde que está a botija de ouro?” (p.21); “-Ei *negros do diabo!* Como é que se para esse negócio?”

(p.29). Estes termos (grifos nossos) evidenciam uma postura de inferioridade na representação ao negro, em que se verifica a protagonista em todo discurso ser humilhada e inferiorizada pelos personagens não-negros.

Além das humilhações, o texto relata castigos físicos à personagem, que por ter a mania de comer paredes, o senhor ordenou que a colocassem em um quarto escuro, e foi ai que, de tanto roer as paredes, achou *A botija de Ouro*. Com isso, aumentou a raiva do senhor, pois a menina não revelava onde estava a botija, assim, a escrava foi castigada a ficar no tronco. Desse modo, podemos perceber que o conto é narrado sem preocupações de minimizar o sofrimento e a maldade praticada com a garota.

A próxima ilustração, (fig. 4), demonstra-se a escrava sentada no chão e o feitor com uma ferramenta na mão que se parece com uma chibata, subentendendo-se que seria um meio de se defender ou até agredir a escrava. No texto está explícito fúria do senhor que exclama: “-Me põe esta moleca no quarto escuro. E se, depois disso, continuar a comer parede... Ai, me sapeca uns bolos nas duas mãos. Que eu quero ver.” (SANTOS,1984. p. 9).

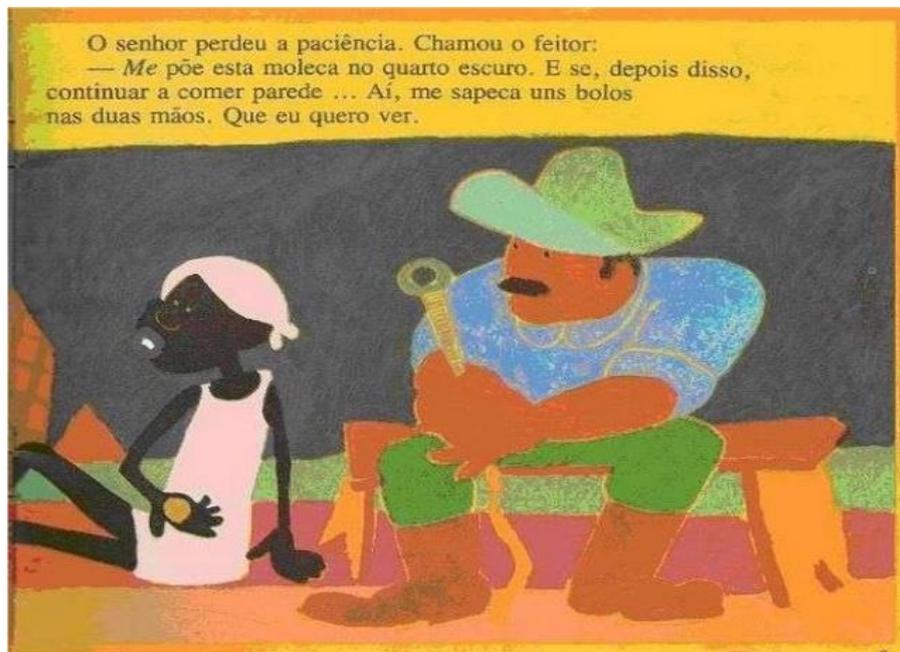


Figura 4

Nota-se a expressão facial da garota que não entende o porquê de tal castigo. Além de aparecer, nesta ilustração, o oposto no porte físico do feitor e da menina,

uma vez que o primeiro é forte e a outra aparece magra e fraca. A menina sentada no chão, também ilustra um sentimento de inferioridade da escrava com o feitor, que aparece sentado em um banco no plano superior. As cores que prevalecem na cena são os tons terrosos, que demonstram um aspecto antigo ao ambiente, reportando-se a época e ao lugar, uma fazenda no período da escravidão.

Nesse caso, observemos as palavras de Martins e Munhoz (2007) ao expor que pode haver um conflito na formação da identidade dos indivíduos se associados a imagens de pessoas negras sendo desvalorizadas. As crianças tendem a manifestar um sentimento de identificação por personagens heróis ou quando aparecem de maneira especial ou “normal” aos olhos da sociedade. Daí, a necessidade de observar a faixa etária dos leitores para oferecer-lhes uma leitura de acordo com sua necessidade.

Em outro momento, no final da discussão, é anunciado o nome da afrodescendente, “A Noite Que Vem”. Assim, apenas na última página, a escrava é identificada com um nome a que possa ser pronunciada. Esse fato é importante salientar, pois evidencia que em todo texto, a mesma era denominada de maneira preconceituosa, com apelidos referentes à sua origem.

No conto *As tranças de Bintou*, a menina tem um dilema em sua vida: gostaria de ter lindas tranças como as mulheres de sua aldeia, porém o que tem são biotes na cabeça, e isto é um motivo de tristeza para sua inocente vida. Na imagem (fig. 5), aparece Bintou, amparada aos braços da irmã com uma gota de lágrima no seu rosto, e ela está triste por sentir as tranças roçando em sua pele, para ela, a tristeza não é ter seu cabelo crespo, e sim não ter tranças enfeitadas com miçangas.

Na imagem a seguir, próxima página, (fig. 5), observamos os vestidos usados pelas personagens, que remetem a traços que lembram a tradição africana, além de aparecer ao lado uma galinha, transmitindo à ilustração a ideia de harmonia com a natureza. Enfim, as cores do ambiente e os traços físicos oferecem a ilustração sobriedade e autenticidade.



Figura 5

O cenário em que é apresentada a história mostra a simplicidade em que Bintou vive, e na figura seguinte (fig. 6) podemos observar a representação da menina, que ao lado de sua avó, transmite uma imagem positiva, onde a personagem é notada com harmonia na sua face singela, através de seu sorriso e seu olhar. Além disso, ainda podemos observar, na mesma cena, pessoas que convivem pacificamente, trabalham e brincam felizes no lugar onde moram.

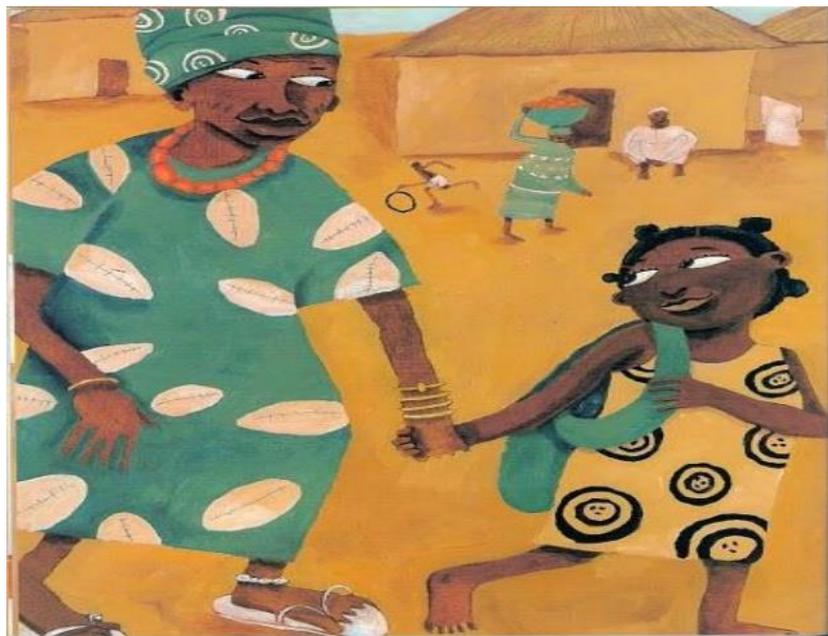


Figura 6

Assim, a avó apresenta-se como uma grande matriarca, responsável, posteriormente, por destacar a importância da origem africana, valorizando a imagem de Bintou. Podemos encontrar essa afirmativa na fala da avó quando diz: “você é uma menina muito especial, sussurra. Seu cabelo será tão especial quanto você” (DIOUF, 2008, p. 29). Esta afirmação é nitidamente um aspecto de valorização da imagem da protagonista, que se sente mal por achar o seu cabelo sem graça.

Porém, ao notar que seus biotes foram enfeitados com laços coloridos, a menina muda sua expressão, e ao olhar-se no espelho, fica encantada com seu

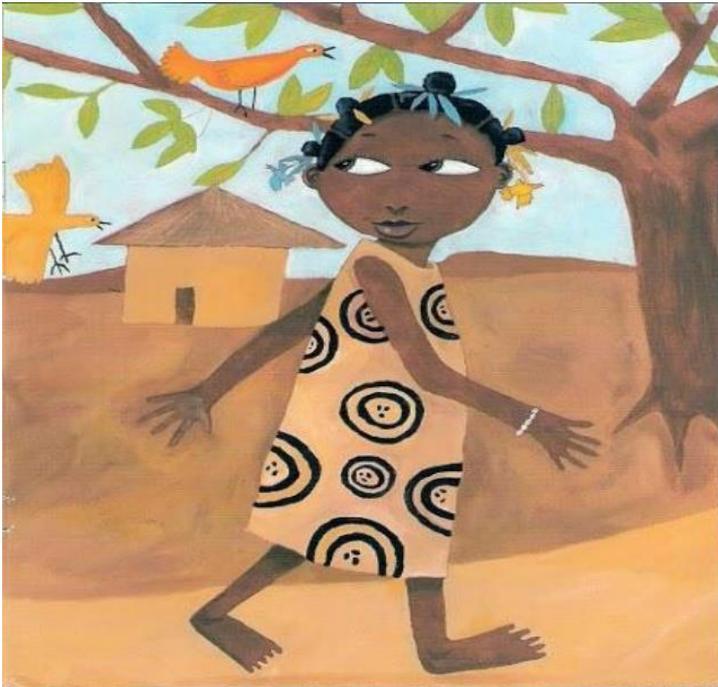


Figura 7

lindo cabelo.

A trama termina com a protagonista se auto valorizando, e citando adjetivos positivos a seu cabelo, onde a mesma fala: “Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. O sol me segue, e sou muito feliz” (DIOUF, 2004, p. 30).

A partir dos aspectos observados nos contos, podemos fazer um comparativo entre as obras e suas protagonistas. É importante ressaltar que este estudo está pautado na ideia que os leitores são alunos e crianças em formação de sua própria identidade.

Verifica-se que a representação da identidade negra se opõe uma a outra nos dois livros. Ao passo que *A Botija de Ouro* é uma obra que contempla o modelo escravo para sua protagonista, onde a mesma aparece em todo texto de forma inferior a seu dono, com uma postura de inferioridade ao indivíduo, não quanto ao gênero, mas sim quanto a origem africana. Enquanto no livro *As Tranças de Bintou*, a menina aparece de maneira harmoniosa com sua comunidade, sempre feliz e com um único desejo: Ter tranças. Desejo esse, que apesar de não ter sido concedido, foi convencida que era especial do seu jeito, além de ser valorizada entre os familiares e amigos do lugar onde vive.

Outro ponto a ser destacado, é a representação da imagem da avó como símbolo de sabedoria, que aparece nas duas histórias como uma personagem que detém o poder da oralidade, transmitindo seu conhecimento a gerações mais novas, neste caso, os dois contos apontam as anciãs como detentoras desta tradição oral, tão valorizada pelos africanos.

As duas obras, em seu enredo, mostram mais uma variante, no que se refere a identidade da protagonista, pois *As Tranças de Bintou* se inicia com a apresentação da personagem: “Meu nome é Bintou, e meu sonho é ter tranças” (DIOUF, 2004, p. 2), assim desde a primeira página conhecemos aquela que será em todo texto a narradora de seus sentimentos e emoções, porém, no conto *A Botija de Ouro*, apenas na última página, se conhece o nome da personagem principal, como podemos observar no trecho: “Os escravos, que não eram mais, contavam. E o feitor? Ninguém não sabe se está lá em baixo com seu dono. Como ele vivia dizendo à escravinha: “Espera a noite que vem”, ela acabou ganhando esse nome: A Noite Que Vêm” (SANTOS, 1984, p.32).

Em suma, podemos concluir que há uma disparidade na representação da identidade negra entre as duas protagonistas, ao passo que uma é escravizada e não está em seu país de origem, a outra é livre e está em sua terra natal.

Assim, ao considerar que estes contos estão voltados para educação infantil, a narrativa que mais se adequa à valorização da representação do negro é *As Tranças de Bintou*, pois, através de sua protagonista, tece-se uma história de convívio social sem preconceito.

É importante salientar que, na educação infantil, o trabalho pedagógico é fundamental para o reconhecimento e a construção da identidade negra, e a escolha do livro literário pode ser uma oportunidade de valorizar a cultura africana. A leitura é importante em todos os níveis da educação, por isso a interpretação e o objetivo devem ser propostos de acordo a faixa etária dos educandos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos infantis apresentam um universo diferente a cada página e isso encanta o imaginário das crianças. Assim, o papel da literatura dentro da escola é essencial. Entre todos os livros oferecidos ao leitor somente na literatura ele vai encontrar, por exemplo, a representação de personagens em condições paradoxais, possibilitando ao leitor discutir sobre lógica das coisas, e compreender o que é e o que não é realidade ali problematizado.

Nesse sentido, Candido (2004) discorre da necessidade que temos de poesia ou de literatura, em que para ele, “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a Literatura” (CANDIDO, 2004, p. 175). Este equilíbrio a que se refere o autor, pode ser estabelecido pelos educadores, que através da literatura podem estabelecer um elo de confiança e respeito entre ficção e realidade.

A partir da lei 10.639/03, houve grande aumento nas publicações relacionadas ao negro. O que se pode concluir que, na literatura infantil, está se propagando histórias com personagens negros na condição de protagonistas. É importante observar, pois, como é posta essa representação.

Assim, no contexto de sala de aula, cabe ao educador verificar como o negro é representado nessas obras, de modo a não propagar uma leitura racista camuflando o preconceito existente nas entrelinhas. Considerando isso, reportemo-nos aos contos analisados neste texto, *A Botija de ouro* e *As Tranças de Bintou*, que tratam de perfis diferentes com personagens negras. Ao passo que primeiro texto traz uma narrativa repleta de expressões preconceituosas com a protagonista, o segundo valoriza a identidade e a cultura de seu povo. Desse modo, uma vez sendo tomadas como ferramenta de leitura, é fundamental uma leitura orientada no sentido de que o leitor perceba estas construções estereotipadas.

Outro elemento importante nesse processo de leitura são as gravuras que acompanham o texto. A imagem traz para o conto o complemento das palavras, ou seja, o que as palavras por si só não conseguem transmitir. Daí ser relevante um olhar específico do leitor na interpretação dessa linguagem que muito diz.

Sabemos que personagem de uma trama narrativa é apenas uma ficção, porém, concordamos com a afirmação de Oliveira (2003, p. 177) quando diz que

“personagem não é pessoa, afirmam os teóricos de literatura, mas eles sabem, personagens representam pessoas ao serem tecidos na trama das histórias”. Por esse motivo, a observação e análise crítica destas narrativas são importantes para que o educador não estabeleça e reforce o racismo subentendido nos contos de literatura infantil.

Enfim, a pesquisa revela que a literatura infantil na sala de aula ocupa um lugar de devida importância, sendo utilizado com o intuito de transmitir determinada mensagem ao qual está direcionada o conteúdo do livro, e trabalhar o lúdico da criança. Considerando isso, é fundamental analisar, comparar e decidir quais livros podem colaborar na formação de educandos mais conscientes da pluralidade cultural existente no país.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Janaina C. Teixeira; AGUIAR, Fernando J. Ferreira. Uma reflexão sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e a formação de professores em Sergipe. *Revista Fórum*, Itabaina, v.7, jan-jun 2010. Disponível em <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_I ND_7/ FORUM_V7_06.pdf> Acesso em 26 de Julho de 2015.

ALMEIDA, Adriana Matos de; MENDES, Joacé Sousa e ALMEIDA, Patricia Matos de. O NEGRO NA LITERATURA INFANTIL: ESTEREÓTIPOS E SILENCIAMENTOS. Seminário cultura e política na primeira república: campanha civilista na Bahia. UESC, 2010.

ASSIS DUARTE, Eduardo. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, núm. 31, Universidade de Brasília Brasília, 2008, pp. 11-23.

BIER, Marilena Loss. A Criança e a recepção da literatura infantil contemporânea: Uma leitura de Ziraldo. Dissertação de mestrado: Tubarão, 2004. 161 p.

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2004.

CANDIDO, Antônio. Vários Escritos. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004. p. 169-191.

COSTA, Luciano Gonsalves (Org.). História e cultura afro-brasileira. Subsídios para a prática da educação sobre relações étnico-raciais. Maringá: Eduem, 2010.

DIOUF, S. A. As tranças de Bintou. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura Negra, Literatura Afro-brasileira: Como responder à polêmica? *Literatura afro-brasileira / organização Forentina Souza, Maria Nazaré Lima.* _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 10-38.

FONSECA, Ciro Leandro Costa e NETO, Pedro Fernandes de Oliveira. O sagrado no conto oral “A lenda da moça da pedra encantada”: Mito e realidade na vivência sertaneja. Londrina: Revista Estação Literária. Vol. 13, 2015. p. 256-267.

FREIRE, José Alonso Tórres. Os saberes da leitura e a formação do leitor. *Revista EntreLetras UFT – nº 1, 2010/II.* p. 191-208.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Minas Gerais: UFMG. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, p. 98-109, Jan/Abr 2012.

_____ A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da lei 10.639/03. In: MOREIRA, Antônio Flavio; CANDAU, Vera Maria (orgs). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2008.

GUIMARÃES, Eduardo da Silva; DANTAS, Rejane Maria; MOURA, Dayse Cabral de. Literatura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil: reflexões sobre a construção da identidade racial das crianças negras. Monografia (Conclusão do curso) Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infantojuvenil com personagens negros. Literatura afro-brasileira / organização, SOUZA, Forentina e LIMA, Maria Nazaré. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 180-217.

MARINHO, Ana Cristina. Índios e negros na literatura infantil/ juvenil brasileira (catálogo de obras). João Pessoa: Ideia, 2014. 94 p.

MARTINS, Roseli Figueredo e MUNHOZ, Maria Leticia Puglisi. Professora, não quero brincar com aquela negrinha! Coleção Percepções da Diferença. Negros e Branco na Escola. Organização SANTOS, Maria Aparecida dos. Volume 5, 1º edição. São Paulo: Ministério da Educação, 2007.

MUNANGA, Kabengele- organizador. Superando o racismo na escola. 2º edição revisada. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

NOBREGA, Evangelita Carvalho da. A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE PARNAÍBA-PI. Uninove; Uespi; Brasil. disponível em: http://www.uninove.br/marketing/l_CIPPEB/pdf/A_IMPLEMENTACAO_DA_LEI_10639.pdf. acesso em 15 de julho de 2015.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Literatura Afro-brasileira infantojuvenil: Enredando inovações em face à Tessitura dos personagens negros. São Paulo: USP, 2008.

_____ Personagens Negros na literatura infantojuvenil no Brasil e em Moçambique (2000-2007): Entrelaçadas vozes tecendo Negritudes. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2010.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola**: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo, 2007.

ROSEMBERG, Fúlvia. Literatura Infantil e Ideologia. São Paulo: Global, 1985.

SANTOS, Jocéli Domanski Gomes dos; A LEI 10.639/03 E A IMPORTÂNCIA DE SUA IMPLEMENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1409-8.pdf>. Acesso em 23 de Julho de 2015.

SANTOS, Rosemeire dos. A lei nº 10639/03: Entre práticas e políticas curriculares. Londrina: História & Ensino, v. 16, n. 1, p. 41-59, 2010.

SANTOS, Luis Carlos Ferreira dos. Filosofia de raiz africana como um pensamento da complementaridade. Revista África e Africanidades - Ano 2 - n. 8, 2010. Disponível em: <http://www.ucb.br/sites/000/14/raizafricanacomplementaridade.pdf>. Acesso em 29 de Agosto de 2015.

SANTOS, Margareth Maura. A Cultura e a Literatura Afro-brasileira em Sala de Aula. Revista Magistro, Vol. 8, 2013.

SANTOS, Joel Rufino dos. A Botija de Ouro. Editora Ática, 1984.

SILVA, Tássia Fernanda de Oliveira. Lei 10.639/03: Por uma Educação Antirracismo no Brasil. Interdisciplinar. Ano VII, V.16, jul-dez de 2012 - ISSN 1980-8879 | p. 103-116.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Modelos Teóricos e estratégias de leitura de leitura: suas implicações no ensino. Maceió: EDUFAL, 2005.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Uma trajetória até 10639/2003. In. Salto para o Futuro, edição especial: 10 anos da lei 10 639/2003. TV Escola, 2013. Disponível em http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publication_sSeries/164235EE_Lei10639.pdf. Acesso em 19 de Julho de 2015.

ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil na Escola. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2012